

## **INCLUSÃO NO PAÍS DOS EXCLUÍDOS: Educação, Lazer e Inclusão na Universidade. Estudo de dois projetos da UFSC**

RIBEIRO, Sérgio Dorenski; LISBOA, Mariana; HACK, Cássia;  
COSTA, Antonio Galdino; OLIVEIRA, Márcio Romeu;  
MENDES, Diego; MOL, Mellyssa;  
BITENCOURT, Fernando; PIRES, Giovanni  
(Grupo de Estudos **Observatório da Mídia Esportiva** – NEPEF/CDS/UFSC)<sup>1</sup>

**Resumo:** o tema da inclusão está na agenda da sociedade brasileira, notadamente a partir da constatação de flagelos sociais como o crescente número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza, de crianças fora da escola, de desempregados, etc. Como compromisso social, a universidade pública procura tematizar a questão e implementar ações que visem o seu enfrentamento tanto teórico quanto prático, em que o lazer é tomado como possibilidade de ação formativa. Na UFSC, são vários os projetos acadêmicos com este perfil, com diferentes entendimentos sobre lazer e inclusão. Dois destes, a “Prática de Ensino em Escolas do MST” e o “Brinca Mané” são tomados como objeto de estudo deste trabalho, em que documentos são analisados, entrevistas, realizadas, e filmagens das atividades são igualmente procedidas. É possível perceber influências do ideário político, econômico e social na forma como é pensada a relação entre educação, lazer e inclusão no interior de cada um dos projetos, o que os faz profundamente distintos em termos de perspectivas, ações e projetos históricos para a sociedade.

### **I - INTRODUÇÃO**

Quando se fala em inclusão, o nosso olhar parece estar sempre dirigido para pessoas portadoras de necessidades especiais ou em situação de risco social e pessoal, e, neste sentido, restringe-se a apenas um aspecto o conceito de inclusão. A perspectiva aqui exposta pretende abordar o conceito a partir dos campos educacional, político, econômico e social, ainda que seu *locus* esteja circunscrito ao âmbito do fazer universitário.

Como educadores-pesquisadores e entendendo o papel social que deve desempenhar a Universidade, especialmente a pública, nos propomos a examinar dois projetos desenvolvidos pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ou seja, a partir da Educação Física, durante o semestre letivo 2004/1. Projetos esses, que envolvem a questão da inclusão em sua prática pedagógica, bem como o lazer, ainda que de forma indireta. Embora com objetivos, características e perspectivas bastante diversos entre si, o que justifica nossa escolha por estes dois projetos.

---

<sup>1</sup> Contatos: Giovanni Pires ([giovanipires@cds.ufsc.br](mailto:giovanipires@cds.ufsc.br)) .

Departamento de Educação Física/Centro de Desportos/UFSC

Campus Universitário – bairro Trindade – Florianópolis/SC – CEP 88.040-900

Tel. 48 331 9462 ramal 18 - Fax 48 331 9927

Para este estudo, acompanhamos o entendimento expresso por Marcellino (1987), que destaca o duplo envolvimento do lazer com o processo educativo: como *veículo* ou a *educação pelo lazer*, que ressalta o potencial formativo das atividades lúdicas, e como *objeto* ou a *educação para o lazer*, que coloca a importância do aprendizado para a vivência criadora, crítica e autônoma de experiências lúdicas no tempo disponível.

Neste contexto, nosso objetivo foi o de refletir sobre ações acadêmicas que integram lazer e educação, orientadas na inclusão social, que são desenvolvidas através dos projetos "Brinca Mané" e "Projeto Especial de Prática de Ensino em Educação Física junto a Escolas Rurais do MST" (PE/MST), que são descritos mais adiante.

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, tendo a imagem<sup>2</sup> como leitura que ajuda a compreender e interpretar a realidade. Por isso, utilizamos a filmagem como recurso técnico. Nossos procedimentos metodológicos partem da elaboração de um pré-roteiro de imagens que seriam capturadas, bem como de um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, como instrumentos desta apropriação.

O trabalho investigativo de campo deu-se em dois momentos:

1º) Acompanhando o "PE/MST", realizado na Escola Rural 25 de Maio, na cidade de Fraiburgo, meio-oeste de Santa Catarina.

2º) No Centro de Desportos da UFSC, em cujas dependências se realizam as atividades do Projeto "Brinca Mané".

Além da captura das imagens, colhemos depoimentos dos sujeitos envolvidos nos dois projetos (Coordenadores e Estagiários), material que é analisado à luz da base teórica de referência que elaboramos para esta pesquisa. Por fim, produzimos um vídeo-texto<sup>3</sup> sobre a temática, a partir das observações no campo.

## II – NOSSO QUADRO DE REFERÊNCIAS

### a) Inclusão ou Transformação Social: a relevância do tema

No momento em que se discute a inclusão social<sup>4</sup>, parece ser importante perceber como a Universidade e, em especial, a Educação Física, através de seus projetos de ensino, extensão e pesquisa, relaciona-se com essa questão que é de interesse universal. Neste sentido, no âmbito da formação em Educação Física, urge ampliar a discussão sobre o tema, dirigindo para os planos educacional, social, político e econômico, e evitando uma redução da questão ao assistencialismo.

Numa sociedade como a brasileira, capitalista e desigual, é fundamental que se coloque em debate, em todos os âmbitos de formação da cidadania, o conceito de

<sup>2</sup> De certa forma, damos continuidade ao trabalho que apresentamos no XV ENAREL (HACK *et al.*, 2003) na forma de um vídeo-texto, em que a imagem constitui-se em instrumento para apreensão da realidade.

<sup>3</sup> Produzido no LABOMÍDIA do Centro de Desportos da UFSC.

<sup>4</sup> Há uma orientação do Governo Lula para que todos os Programas de Ministérios e Autarquias Federais promovam ou apoiem projetos de inclusão social, tendo o Fome Zero como carro-chefe. No Ministério do Esporte, há uma série deles, como o Segundo Tempo e o Pintando a Liberdade.

inclusão, numa forma de compromisso político e social diante do problema, uma vez que pensamos numa sociedade melhor e justa. Como expõe um dos coordenadores do PE/MST, como educadores, é preciso que percebamos a lógica de mercado e do sistema financeiro mundial, numa perspectiva globalizada, como a estrutura capitalista em suas várias facetas, que dita, no sentido amplo do termo, as condutas humanas numa sociedade como a nossa, e que isso leva a uma grave consequência que é o fato de haver tantos excluídos, ampliando a miséria (CAPELA, 2000).

E é neste contexto de contradições e de opressão, em que surgem os movimentos sociais de resistência, que a Universidade deve pensar em se incluir para tematizar a questão, através de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Portanto, os dois projetos escolhidos para nossa observação representam partes deste todo, para que possamos refletir, de modo crítico, nosso papel na formação humana.

#### **b) Globalização, Lazer e Educação: contradições e análises**

“A palavra e o fenômeno lazer suscitam muitas questões, num mundo de significações embaralhadas: lazer tanto é distrair-se como ser distraído. Não esqueçamos de que vivemos na era da globalização, que tudo confunde e que ameaça confundir-nos em meio à confusão, se não estivermos alertas ao dever da análise do mundo que nos rodeia” (SANTOS, 2000 p.31).

Pensar em lazer na sociedade contemporânea é, no mínimo, paradoxal. Segundo Belloni (2001), o lazer aparece como um prolongamento do tempo do trabalho, alcançando o trabalhador em sua própria casa, graças aos avanços tecnológicos. Neste sentido, o lazer está entrelaçado com a indústria do entretenimento, que rebaixa o ser humano à condição de simples consumidor. Portanto, as palavras de Milton Santos configuram-se, mais que tudo, como uma reflexão necessária neste campo onde circulam sujeitos históricos, trabalho e não-trabalho, entretenimento, exclusão e inclusão, numa sociedade “globalizada” e de lazer “controlado”.

Para Frigotto (2001), a globalização significa um falseamento de que as relações de exploração capitalista e de todas as formas de exclusão e violência foram superadas. Neste aspecto, acredita que a recomposição econômica do capitalismo e de suas taxas de lucro, dá-se mediante a exclusão das maiorias do direito à vida digna, pela ampliação do desemprego e da marginalização. Assim, no movimento histórico do capitalismo, vemos uma desigualdade exacerbada que se instaura e se acentua, tendo a opressão, muitas vezes, garantida pelo próprio Estado, que garante os interesses da reprodução do capital.

No plano educacional e social, percebe-se no Brasil uma grande desigualdade posta por esta estrutura sistêmica, muitas vezes com o amparo do Estado e de uma má distribuição de renda. Assim, como explica Frigotto (2001, p.87), encontramos alunos em condições desiguais para aprender: “[no ensino brasileiro] efetiva-se uma brutal fragmentação do sistema educacional e dos processos de conhecimento”. Ao renunciar ao seu papel de agente das políticas de educação pública, o Estado brasileiro, conforme

o mesmo autor, vem instaurando políticas de concessão que envolvem desde o subsídio do Estado ao capital privado, mediante incentivos de diferentes formas, até a substituição do Estado por centenas de ONG's, que disputam os fundos públicos. Nesta configuração, "o princípio fundamental é a liberdade do mercado, pois este é o único justiceiro que premia, de acordo com o esforço individual, os mais capazes e aptos" (FRIGOTTO, 2001, p.88).

O próprio lazer, nestas condições, é pensado como uma mercadoria, cujo acesso só é permitido àqueles que têm condições de comprá-lo para consumo. Tal situação gera um aprofundamento da condição de excluído ou, o que é pior, a sensação ilusória e perversa de uma inclusão precária que nunca se efetiva (cfe. SILVA, 2003).

Estabelecer reflexões sobre a inclusão via educação e lazer, é refletir, sobretudo, sobre a relação econômica que se configura no mundo (político) do capital (globalizado) e que estabelece um discurso único, com implantação na sociedade, levando-a a uma lógica de consumo/mercado.

### **III - CONTEXTUALIZANDO NOSSO OBJETO DE ESTUDO**

O Centro de Desportos da UFSC, em seus muitos projetos de extensão, ensino e pesquisa, oferece várias e diversificadas possibilidades de interação com a sociedade. Por suas características quase contraditórias, chamou-nos a atenção os dois Projetos já nomeados, dos quais abordaremos a seguir suas características principais.

#### **a) A Prática de Ensino em Escolas Rurais do MST**

Consideramos desnecessários tecer maiores comentários sobre a importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na realidade brasileira, por isso passamos logo à descrição do PE/MST.

Arenhart *et al.*(2003) explicam que o Projeto Especial de Prática de Ensino em Educação Física, desenvolvido junto a Escolas de Assentamentos do MST, na cidade de Fraiburgo/SC, é estruturado em cinco módulos: 1) *Estudos Preliminares* – que ensina a seus integrantes compreender e problematizar a realidade para, então, intervir nela; promovendo o diálogo dos saberes universitários com o movimento social e da Educação, constrói-se uma metodologia para interagir com os sujeitos do meio rural (na escola e fora dela); 2) *Viagem de Estudo para Observação da Realidade Rural* – tendo a observação como ferramenta de investigação, alunos e professores se integram à comunidade escolar e dos Assentamentos para realizar uma pesquisa sociocultural, que servirá de base para o planejamento dos projetos a serem realizados; 3) *Planejamento do Projeto de Intervenção Educacional* – nesta fase, os alunos elaboram seus planejamentos, a partir da realidade observada e tematizam a dimensão lúdica e a cultura de movimento dos escolares; 4) *Intervenção Pedagógica* – aqui, os estagiários, na condição de professores, passam a mediar o processo de ensino-aprendizagem, vivendo o contexto integralmente e durante todo o dia pelo período de duas semanas; 5) *Socialização do Estágio* – Caracteriza-se pela publicização de todo o projeto junto à

comunidade universitária, no sentido socializar os conhecimentos apreendidos a partir de sua experiência como educador, sendo autor e pesquisador de sua própria prática.

A partir dessa dimensão dialética que consubstancia o Projeto, evidencia-se o processo de humanização na relação indissociável entre professor/aluno/comunidade e conhecimento, bem como, o compromisso e o exercício político de fazer acontecer o Projeto, diante das dificuldades financeiras para implementação do Projeto<sup>5</sup>,

### **b) Projeto "Brinca Mané"**

O projeto "Brinca Mané" é uma ação multidisciplinar complementar à escola, desenvolvido a partir de um convênio firmado em 2003 entre a UFSC e o Instituto Ayrton Senna/Audi AG<sup>6</sup> - financiador do projeto - proporcionado a comunidades infanto-juvenis (7-15 anos) menos favorecidas de Florianópolis/SC, especialmente de duas escolas municipais circunvizinhas a UFSC (Projeto Brinca Mané, 2003).

Tendo o esporte como conteúdo principal de intervenção e motivador da ação educativa, e as práticas lúdico-recreativas como metodologia de intervenção pedagógica, parte da concepção de que o esporte é um elemento da cultura e produto humano e que, diferentemente do esporte de rendimento/mercantilista, o direito de acesso à sua prática deve ser garantido a todos, e ser apropriado através do ato educativo, buscando o desenvolvimento das competências social, pessoal, cognitiva e produtiva.

O projeto se organiza em atividades de caráter sistemático e assistemático, através de oficinas esportivas e de jogos, sessões de orientação para saúde e acompanhamento pedagógico, bem como a "Hora do Lanche"<sup>7</sup>.

Possui um coordenador geral, apoiado por sub-coordenadores das áreas básicas do projeto, todos professores do Departamento de Educação Física do Centro de Desportos/UFSC, tendo estudantes dos cursos de Educação Física, Pedagogia e Enfermagem atuando como monitores<sup>8</sup>.

A metodologia do trabalho desenvolvida prevê grupos de estudos, reuniões pedagógicas, encontro semanais (planejamento e avaliação), participação em eventos e elaboração de pesquisas.

---

<sup>5</sup> Apesar de passarem em média três semanas no Assentamento, professores e acadêmicos do PE/MST não recebem diárias por causa de entraves burocráticos considerados "intransponíveis" pela administração da Universidade em oito anos de existência do Projeto.

<sup>6</sup> Essa iniciativa faz parte do Programa Educação pelo Esporte, fruto da aliança social estratégica entre o Instituto Ayrton Senna e a Audi AG, que têm como meta a criação de oportunidades de desenvolvimento por meio das práticas esportivas, gerando mudanças e buscando soluções para os problemas sociais que afligem a sociedade e comprometem o futuro da nação. A Audi AG é uma empresa automobilística alemã. ([www.educacaopeloporte.org.br](http://www.educacaopeloporte.org.br))

<sup>7</sup> Neste segundo ano do Projeto, a verba do Instituto foi reduzida, obrigando os organizadores a buscar outras alternativas como auto-financiamento e, mas recentemente, aliança com o Programa Estadual "Segundo Tempo" que oferece duas bolsas para acadêmicos e fornece lanche aos participantes.

<sup>8</sup> Coordenadores e monitores são remunerados com bolsas concedidas pelo Instituto Ayrton Senna.

#### IV – LAZER E INCLUSÃO: O QUE BUSCAM OS PROJETOS

Neste tópico, apresentamos algumas reflexões que são feitas a partir das observações e das entrevistas realizadas no campo. Embora os contrastes sejam evidentes, não é nosso propósito avaliar os projetos, senão oferecermos uma pequena mostra do que faz uma universidade pública no campo educacional e da inclusão social.

Um primeiro aspecto a ser destacado refere-se a quem são e como participam os sujeitos dos dois projetos. Quanto ao “Projeto Especial de Prática de Ensino/MST”, há envolvimento com crianças/jovens que vivem no meio rural, mantém vínculos familiares estáveis, participam desde cedo dos processos de produção da sua subsistência, seja no campo ou em casa, com pouco acesso a meios tecnológicos de lazer/entretimento. Do “Brinca Mané”, participam crianças/jovens do meio urbano, que moram em bairros de classe média do entorno da Universidade, estudam em escolas públicas municipais e, por isso, embora não tivéssemos acesso a dados socioeconômicos, não parecem exatamente crianças em situação de risco.

Diferentes são também as participações dos professores e acadêmicos, respectivamente, no PE/MST - sem qualquer auxílio financeiro - e no Brinca Mané - remunerados como bolsistas do Instituto Ayrton Senna.

Quanto às concepções de inclusão social, vale a pena considerar o que dizem os coordenadores dos projetos. Para um dos coordenadores do “Brinca Mané”,

Então a idéia do lazer e da inclusão social está antes de tudo pela *oportunidade, passa pela oportunidade*. E o projeto exatamente, a idéia do projeto em si, vincula isso como um dos panos de fundo (...) *A oportunidade que o projeto oferece* a crianças que tem determinadas carências sociais que vem de fundo econômico. Então essa é a grande tese (depoimento, grifo nosso).

Isso pressupõe que a inclusão social é uma possibilidade real e que caberia às instituições atuarem no sentido de concretizar essas *oportunidades* para que todos sejam incluídos, isto é, superem suas carências sociais (e econômicas?) e com isso garantam “(...) uma alternativa concreta e significativa de *inserção social* numa *sociedade produtiva*”. (Projeto Brinca Mané, 2003, p. 1, grifo nosso)

Não é essa, todavia, a concepção de inclusão que fundamenta o projeto de Prática de Ensino realizado junto ao MST. Segundo um dos seus coordenadores,

Eles [o Movimento] procuram, enquanto uma ação social e educacional, buscar reconstituir uma *educação de direitos*. Então quer dizer que a concepção de inclusão social do *nosso trabalho não é assistencialista*. Busca compreender, a partir do exemplo que as pessoas tem, direitos a terem uma vida digna. Então é nesse sentido que a gente coloca o eixo da inclusão no nosso projeto (depoimento, grifo nosso).

Neste sentido, a própria possibilidade de inclusão é repensada, pois “a sociedade capitalista ela não tem como incluir, ao contrário, ela só existe porque exclui (...); esse é um modelo gerador de exclusão. E é por isso que não tem como a gente dizer que está construindo um projeto incluyente sem ter uma ação radical no sentido de mudar o modelo de sociedade que está aí. E isso o MST traz muito claro, muito presente” (depoimento).

De certo modo, essas contradições estão presentes também nas relações que a Universidade mantém com cada instituição. Enquanto que, com o Instituto Ayrton Senna, as relações são normatizadas por convênio e implicam financiamento privado e infraestrutura da Universidade disponibilizada para o projeto, o PE/MST, após oito anos de existência, continua quase clandestino, pois há notórias dificuldades em reconhecê-lo formalmente e oferecer-lhe apoio institucional, por causa de alegadas burocracias e resistências, nem sempre disfarçadas.

Outra questão verificada diz respeito ao caráter educativo dos projetos, em suas articulações com a escola e comunidade. Enquanto o PE/MST trabalha em um projeto maior, ligado à luta desse movimento social numa ação conjunta entre professores e comunidade, o “Brinca Mané”, mesmo apresentando-se como complementar a escola, parece estar desarticulado desta instituição, como afirma uma monitora do projeto:

então a gente ainda tem a escola (...) *fornecendo as crianças*, a escola como parceira. Assim ó: “a gente vai passar essas crianças para vocês”, “ a gente tem essas crianças e a gente vai oferecer elas.” Só que mais a frente, a longo prazo, a gente quer levar o projeto para dentro da escola. *Na parte da Educação Física a gente não tem relação nenhuma, a gente nem sabe quem são os professores.* (depoimento, grifos nossos)

Do ponto de vista do lazer e educação, seguindo a descrição de Marcellino já referida, há também diferenças evidentes de concepção nos dois projetos. No PE/MST, o lazer é compreendido como um *objeto da educação*, isto é, o direito ao lazer é um aprendizado social para o qual a escola deve contribuir, não apenas como uma atividade realizada no tempo livre, mas como uma ação transformadora, mobilizadora do lúdico que existe e precisa ser resgatado. Neste sentido, é também *educação pelo lazer*, como se pode perceber no exemplo descrito no depoimento de um dos coordenadores:

em determinado momento a gente fez uma oficina de pipa e daí teve um tema para casa (...). Então depois das crianças aprenderem o processo de fazer uma pipa, elas levaram varetas, papel encerado, o cordão com a seguinte atividade: tu és capaz de mostrar para o teu pai como é que faz a pipa? E aí o que surpreendeu foi que dois ou três dias depois tinha um pai com a mão calejada, parecia uma criança, soltando pipa.

No “Brinca Mané”, pelo depoimento obtido e pelo que expressa o documento do seu projeto, depreende-se que a concepção de lazer e educação é mais como *veículo* ou *ferramenta*, de *educação pelo lazer*, já que a metodologia adotada se utiliza de práticas lúdico-formativas para tratar o esporte como fator de integração social. É possível perceber ainda um entendimento de lazer como um bem de consumo restrito, porque “[pelo projeto] vincula-se a inclusão, a oportunidade de ter, de fazer, e a oportunidade ao lazer também entram nesta perspectiva. *Porque quem é excluído socialmente talvez não tenha a oportunidade de fazer, de ter acesso ao lazer.*” (depoimento, grifo nosso).

## **V - CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Como já afirmamos, nosso objetivo foi o de refletir sobre ações universitárias que se desenvolvem sob a perspectiva da articulação entre educação, lazer e inclusão social. Sem necessariamente estabelecer juízo de valor sobre a relevância de cada um dos projetos, visamos descrevê-los para ilustrar o amplo espectro de concepções e ações

empreendidas pela Universidade nesta direção. É justamente essa diversidade de entendimentos e possibilidades que faz a importância da autonomia universitária e a necessidade de que ela permaneça assim.

Todavia, diante do quadro de desmonte progressivo que as IFES vêm experimentando nos últimos quinze anos, que se aprofunda agora na proposta de reforma universitária do Governo Lula, em que um dos principais pontos de discussão é o financiamento da Universidade – e no qual a meta do Governo é que a sociedade participe ainda mais da composição das suas receitas, por meio de projetos de parcerias firmados com ONG's, institutos e fundações -, é inevitável a preocupação quanto às possibilidades de manutenção de projetos tão diversos em concepção e ação como os que foram por nós descritos.

Não seria difícil responder à pergunta sobre qual dos dois projetos estaria mais “afinado” e “adequado” ao novo modelo de financiamento universitário que vem sendo proposto, isto é, qual deles reuniria as melhores condições para continuar existindo na estrutura da Universidade “reformada”. Associado ao prestígio social atribuído às instituições do 3º setor – ainda que às custas de recursos públicos, decorrentes de políticas de renúncia fiscal -, o "Brinca Mané" representa o modelo de projetos pretensamente autosustentados, que vêm sendo indicados como exemplo das parcerias público/privado no âmbito acadêmico.

Por outro lado, o projeto de "Prática de Ensino em Escolas do MST", além das dificuldades inerentes a um projeto que acontece a quase 500 km do campus universitário, incorpora toda a carga ideológica com que as elites conservadoras do país "endemoniaram" o movimento dos trabalhadores rurais que lutam por terra - vide recente reportagem na revista *Veja* (WEINBERG, 2004).

Neste cenário que se anuncia para as universidades públicas, quem, enfim, financiaria projetos que permitissem a continuidade de experiências sociais como essa, se não a própria universidade, em seu projeto de autonomia e diversidade? Assim, nosso texto se conclui com um alerta, no sentido de que a universidade pública precisa criar mecanismos para manutenção de projetos que, na contramão do modelo operacional denunciado por Chauí (1999), proporcione um encontro real de professores e acadêmicos com a fatia, cada vez maior, da sociedade que mais necessita de ações educativas inclusivas.

## **REFERÊNCIAS:**

ARENHART, Deise *et. al.* **A prática de ensino de educação física em escolas de assentamento do MST.** Pré-Conbrace, Pato Branco/PR, junho/2003 (Anais em CD Rom).

BELLONI, Maria Luíza. O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural. **Motrivivência.** Florianópolis: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001.

CAPELA, Paulo Ricardo do Canto. Quais as relações da Educação Física com os movimentos sociais. **Motrivivência.** Florianópolis: UFSC. Ano XI, nº 14, 2000.

CHAUÍ, Marilena. A universidade operacional. **Folha de São Paulo,** Caderno Mais, p. 3, 09/maio/1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo, et. al. **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HACK, Cássia *et. al.* **Lazer, comunidade e universidade**: registro de uma ocupação pacífica. XV Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Anais, 2003.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

PROJETO Esporte Educativo BRINCA MANÉ. Centro de Desportos/UFSC e Instituto Airton Senna. Florianópolis, março/2003.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SILVA, Maurício Roberto. **Trama Doce-Amarga - (exploração do) Trabalho Infantil e Cultura Lúdica**. Ijuí; São Paulo : Editora Unijuí; Editora Hucitec, 2003.

WEINBERG, Mônica. Madraçais do MST. **Revista VEJA**, p. 46-49, 08/set/2004.